

O ESCANINHO

Agora que os filhos já alçaram vôo, tomando mulheres, para constituir novas famílias, minha casa tornou-se grande (quatro quartos, duas salas e mais dependências) para duas pessoas: um velho (eu) e uma moça (minha amada esposa).

No entanto, as coisas do lar tomaram conta de quase tudo e fiquei encurralado.

Na garagem, supostamente construída para guardar um automóvel, se encontram: o dito cujo, uma geladeira velha, mas funcionando; uma outra mais nova, com o motor pifado; três armários, um guarda-roupa, dois fogões, garrações e garrafas vazias, esguicho de água, churrasqueira portátil, ferramentas e mais um mil e seiscentos objetos, além de outras coisas que nem sei. Sou gordo e é uma parada abrir a porta do carro e penetrar no seu interior.

Dentro da casa, eu tinha um pequeno bar, onde (nos tempos das vacas gordas) guardava minha pinga, uma garrafa de "uísque" nacional, apetrechos para fazer cigarro de palha e um cachimbo com a boquilha quebrada. Hoje, o bar abriga copos de cristal de três tamanhos, taças, licoreiras. Nos demais cômodos, o mesmo aconteceu e eu (quieto e submisso) vi

meus pequenos direitos suplantados pelos grandes direitos da casa.

Ai resolvi fincar pé, senão ainda sou posto para fora e ainda não é tempo, pois só mais tarde é que a gente vai para as casas de repouso. Juntei uns "cobres" e comprei um escaninho. Sem querer ofender ninguém, afirmo que poucas pessoas conhecem a palavra. O pai dos burros (dicionário) registra:

Escaninho: pequeno compartimento em caixas ou gavetas; recanto; lugar oculto, esconderijo.

O meu é um armário magrinho, de madeira, com um metro e sessenta centímetros de altura, contendo nove gavetas, fechado por uma porta de tabuinhas móveis, que se recolhem verticalmente. Só existe uma chave que, avaramente, está em meu poder. Esse é o mundo de minha privacidade, onde ninguém entra, mexe ou toma posse. É o meu recanto, meu esconderijo, meu lugar oculto.

Na primeira gavetinha estão os papéis do meu livrinho ("Crônicas do Dr. Rubão") e os recortes deste jornal com as crônicas.

Na segunda, guardo um maço de papel em branco (papel grosso e de alta qualidade - mania de escritor). Quando rabisco, ai também guardo meus originais, pois, obviamente, não admito palpites.

Na terceira, guardo dois revólveres marca Smith & Wesson. O primeiro foi dado por meu Pai, quando completei vinte e um anos, com uma recomendação: use-o só em último caso, mas se isso acontecer, faça-o com decisão. O outro era de meu avô materno. Quando foi chegando ao fim, me chamou e disse: para onde vou não preciso disso, guarde-o como um amigo.

Na quarta, está minha coleção de isqueiros: a gás, fluido, de pedemeira e fuzil, com ou sem pedras e um com música. Todos são rigorosamente inúteis, com o advento do descartável.

Na quinta estão as facas, pedras de amolar, lima e assentador de açougueiro. Na sexta, uma garrafa de "Conhaque Fundador ("Jeres de la frontera") já meio bebida.

Na sétima, fitas magnéticas gravadas com lembranças dos natais de 1958/1962 da família, com as vozes infantis de meus filhos e as vozes de meu Pai, de minha Mãe e de outros parentes que já partiram.

Na oitava, algumas fotos e cartas antigas (as das ex-namoradas já queimei, com grande mágoa).

Na nona, documentos e anotações que não posso revelar.

Em resumo. Nesse esconderijo estão meus tesouros, meus sonhos, minhas saudades.

Algum dia, quando vencer meu tempo, um dos filhos vai abrir meu escaninho (a autorização já está dada). Certamente pensará: o velho gostava de guardar bem suas coisas; que belos revólveres, quantos isqueiros, que mundão de papéis; olha essas fotos; o que estará gravado nessas fitas magnéticas?; ainda sobrou um pouco de conhaque... Talvez ele chore um pouco, como estou fazendo neste momento, porque o amor entre nós sempre foi muito grande.